

16-01-2020

O mundo em sete dias [offline]

Ana Carolina de Oliveira Marques

[Secretária da Associação dos Geógrafos Brasileiros/Seção Goiânia
Membro do Comitê Goiano de Direitos Humanos Dom Tomás Balduino.
Professora da Universidade Estadual de Goiás]

“O tempo de ficar em cima do muro passou”

[Arruzza *et al*, 2019 p.27]

No recesso de fim de ano, para reposição da capacidade de discernimento da realidade, permaneci sete dias offline.

A catarse do retorno às redes não poderia ser menor: a Austrália pegando fogo, [mais] produtos culturais censurados no Brasil, [mais] ofensivas dos EUA ao Oriente Médio, [mais] crianças vítimas de bala “perdida” no Rio, ocupação à Casa da Moeda. O festejado 2020 sintetizou, nos primeiros dias e sem muita cerimônia, *“do que e como os homens estão sendo no mundo”* - diria Paulo Freire (1987).

O retorno às redes sociais trouxe também boas surpresas. Refiro-me à entrevista concedida a Caetano Veloso por Jones Manoel*, jovem historiador marxista. O papo girou em torno dos limites das experiências socialistas e do “teto de vidro” das democracias liberais, profundamente desiguais, injustas e cínicas. Em certa altura da conversa, Jones enfatiza: a instauração de um verdadeiro Estado de direitos só é possível via revolução social. Em seguida baliza o tímido desempenho dos governos “progressistas” no Brasil, guardiões da ordem social capitalista. Jones atuou na campanha eleitoral de Guilherme Boulos, candidato à Presidência da República pelo PSOL [Partido Socialismo e Liberdade] em 2018. Notou então a ausência no pensamento libertário brasileiro de um projeto social que vá além das pautas populares imediatas: moradia, saúde, transporte, previdência social, emprego, segurança pública.

Um projeto de sociedade e território com a radicalidade necessária para a garantia (estrutural, e não conjuntural) de uma vida digna às trabalhadoras/trabalhadores.

Um projeto verdadeiramente democrático, no qual as decisões sejam tomadas nas bases da sociedade.

Inevitavelmente, tracei conexões entre a entrevista e um dos livros que li nos sete dias *offline* em que o mundo desmoronava. Falarei um pouco a respeito dele.

O livro é intitulado “Feminismo para os 99%: um manifesto”, indicação da minha amiga Angelita Lima.

As autoras assumem uma postura radical frente à luta de classes, ao racismo, ao patriarcalismo, ao colonialismo, à regulação da sexualidade, à subordinação da reprodução social ao trabalho lucrativo, à destruição do Planeta, à cooptação e fragmentação dos movimentos sociais.

Na contramão do feminismo neoliberal que reclama “condições iguais de dominação” entre homens e mulheres, elas anunciam um feminismo antipatriarcalista, antirracista, ecossocialista e integralista.

Citam, a exemplo de instrumentos de luta nesse novo feminismo, as greves na Polônia em 2016, a difusão do grito “*Ni una menos*” (Argentina, Itália, Brasil, EUA, Peru, Chile, México e outros) e o movimento transnacional em 8 de março de 2017, quando as grevistas colocaram “de lado as quinquilharias cafonas de despolitização e restabeleceram as raízes históricas quase esquecidas dessa data: a classe trabalhadora e o feminismo socialista” (2019, P. 32).

O feminismo para os 99% reconhece e conecta os “marcadores de opressão” (Tiburi, 2018) - classe, raça, etnia, gênero, sexualidade, religiosidade etc. - imprescindíveis para compreendermos as nuances do capitalismo periférico, para nos reconhecermos oprimidos e para agirmos. Aliás, assentar o discurso nas bases e sujeitos concretos que padecem nos guetos e favelas, nas “filas de ônibus” (Arroyo, 2017), nos semáforos, nos presídios, no interior dos lares, nos assentamentos rurais se apresenta como desafio imediato à teoria e práxis revolucionárias.

Os “itinerários des-humanos” (Arroyo, 2017) das empregadas domésticas negras sintetizam, por exemplo, a combinação entre exploração da força de trabalho, racismo e violência de gênero. Complexidade semelhante marca os itinerários des-humanos das pessoas trans, expostas a violências de todas as ordens. Também os itinerários des-humanos dos praticantes de religiões africanas que têm seus espaços sagrados destruídos, então obrigados a esconder a fé. Não menos des-humanos são os itinerários dos indígenas guarani-kaiojá até o suicídio. E tudo isso é pautado no feminismo para os 99%.

Resumo da ópera: a consciência de classe e vibração de um historiador que aos 29 anos “mudou a cabeça” de Caetano Veloso (77 anos), segundo o próprio Caetano, e a radicalidade do manifesto feminista para os 99% chegaram-me como “sangue nos olhos” depois de sete dias offline. São prenúncios de novos tempos.

Volto ainda mais convicta de que as desumanidades crescentes no Brasil contemporâneo não são passíveis de serem erradicadas via democracia liberal.

Essas desumanidades reclamam um projeto radical de sociedade. Elas gritam “basta!” a ações reformistas, a reivindicações de um “lugar ao sol” enquanto a maioria padece na escuridão. Certa disto, peço também a você que, em 2020, desça do muro. ■ ■ ■

Citações e Referências

* Mídia Ninja, 6 de janeiro de 2020. Assista a entrevista na íntegra em:

<https://www.youtube.com/watch?v=afRQv2Y7Is>

■ Arroyo, M. G. (2017). *Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito à uma vida justa*. Editora Vozes Limitada, 2017.

■ Arruzza, C.; Bhattacharya, T.; Fraser, N. *Feminismo para os 99% - um manifesto*. Tradução Heci Regina Candiani. - 1 ed. - São Paulo: Boitempo, 2019.

■ Freire, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 3, p. 36, 1987.

■ Tiburi, Marcia. *Feminismo em comum: para todas, todes e todos*. Editora Record, 2018.

OBS: Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.